



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

SUZANE LESLEY DA COSTA PEREIRA

**A REPPRESENTAÇÃO DO MASCULINO NA OBRA A *INTRUSA* DA
ESCRITORA JÚLIA LOPES DE ALMEIDA**

**Palmas – TO
2018**

SUZANE LESLEY DA COSTA PEREIRA

**A REPPRESENTAÇÃO DO MASCULINO NA OBRA *A INTRUSA* DA
ESCRITORA JÚLIA LOPES DE ALMEIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras do curso de Graduação em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, Campus Palmas/TO.

Professor Orientador: Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva

**Palmas – TO
2018**

Pereira, Suzane Lesley da Costa.

A Representação do masculino na obra *A intrusa* da escritora Júlia Lopes de Almeida/ Suzane Lesley da Costa Pereira – Palmas, 2018.
43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa – Instituto Federal de
Educação do Tocantins, Campus Palmas, 2018.

Orientadora: Profa. Dra. Nahete de
Alcântara Silva.

1. Intrusa. 2. Argemiro. 3. Júlia. I. A Representação do masculino na obra *A intrusa* da escritora Júlia Lopes de Almeida.

SUZANE LESLEY DA COSTA PEREIRA

**A REPPRESENTAÇÃO DO MASCULINO NA OBRA *A INTRUSA* DA
ESCRITORA JÚLIA LOPES DE ALMEIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do Título
de Licenciatura em Letras do curso de
Graduação em Letras - Habilitação em Língua
Portuguesa do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO,
Campus Palmas/TO.

Professor Orientador: Profa. Dra. Nahete de
Alcântara Silva

Aprovado em: ____/____/2018.

Profa. Me. Fernanda Silva Neves
IFTO – CAMPUS PALMAS

Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva
IFTO – CAMPUS PALMAS

Profa. Dra. Soraya Cristina Blank Pessoa
IFTO – CAMPUS PALMAS

**Palmas – TO
2018**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida orientadora Nahete que me inspirou a pesquisar sobre nossa nobre autora esquecida Júlia Lopes de Almeida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde para ter chegado até aqui.

Aos meus pais por sempre acreditarem em mim, e terem me incentivado a sempre trilhar pelo caminho da educação. Seus conselhos sempre foram de grande importância para minhas decisões.

À minha orientadora Nahete que acreditou no meu potencial desde o início dessa jornada, por sua paciência e conselhos. Muito obrigada professora.

Aos meus colegas Célia, Simone Rocha, Laura, Simone Sá, Érica e Edison que me deram força para persistir mesmo quando em momentos de desânimo, essa ajuda é fundamental nos caminhos finais do curso.

Ao meu esposo Fábio, pela paciência e apoio durante essa jornada, tendo sido sempre a principal estrutura de suporte emocional e físico para minha vida e em especial para a finalização desse curso. Muito obrigado mesmo.

RESUMO

A presente pesquisa aborda como se dá a representação do masculino na obra *A intrusa* da escritora Júlia Lopes de Almeida. Por meio de análises em livros, teses, revistas e artigos eletrônicos, buscou-se a elaboração deste trabalho, que discorre sobre as relações sociais de gênero no contexto do período oitocentista. Através da pesquisa de natureza qualitativa do romance *A intrusa*, obra que se destacou no formato de folhetim no *Jornal do Commercio*. Através das etapas da presente pesquisa se fez possível compreender as relações do discurso do personagem “Argemiro” em defesa da mulher, no qual pudemos perceber como artifício da autora para se posicionar em relação à educação feminina, utilizando-se assim de uma fala autorizada visto que a mulher não tinha poder de se expressar e nem de se posicionar em relação a sua condição de vida.

Palavras-chave: Intrusa. Argemiro. Júlia.

ABSTRACT

This study approaches the representation of male gender in the book named *A intrusa* (*The Intruder*, in English) written by Júlia Lopes de Almeida. Through analyzing books, thesis, reviews and papers we aimed to discuss about social relationships regarding gender in the 19th century. We carried out a qualitative research with regards to the book named *A intrusa* (*The intruder*, in English), which was a remarkable one in soap opera format published in a newspaper called *Jornal do Commercio*. Through the steps of this study it was possible to understand the relations of the discourse of the character “Argemiro” in favor of women, in which we could notice a way the author found to stand for female gender education, as she used an authorized speech, the men speech, once women were not allowed to express themselves or stand for their own condition.

Key-words: Intruder. Argemiro. Júlia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: O BRASIL E O FIM SECULAR DOS OITOCENTOS	12
1.1 BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA: O CONTEXTO HISTÓRICO OITOCENTISTA..	12
1.2 GÊNERO E PATRIARCADO.....	15
1.3 VIDA E OBRA DA ESCRITORA JÚLIA LOPES DE ALMEIDA	19
CAPÍTULO II: A <i>INTRUSA</i>: ROMANCE FOLHETINESCO	21
2.1 ROMANCE DE FOLHETIM E SUA IMPORTÂNCIA NO JORNAL.....	21
CAPÍTULO III: O OLHAR DE JÚLIA SOBRE O MASCULINO EM A <i>INTRUSA</i>.....	25
3.1 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL	25
3.2 SINOPSE DA OBRA A <i>INTRUSA</i>	25
3.3 “ARGEMIRO” : A VOZ AUTORIZADA.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

Esta monografia foi elaborada para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas e tomará como *corpus* o romance *A intrusa* da escritora Júlia Lopes de Almeida; e tem por determinação o estudo sobre a representação do masculino, com ênfase no personagem Argemiro.

Analizou-se sob o olhar de uma mulher escritora oitocentista, o papel social do homem de sua época. Sabemos que as regras sociais eram impostas também aos homens, pois em uma sociedade dominada pela visão patriarcal, entende-se que, assim como o feminino, o masculino tem sua função social determinada pelos valores e costumes convencionais.

A pergunta que esta pesquisa tentou responder foi, de que maneira o homem é representado na obra *A intrusa* de Júlia Lopes de Almeida. Diante disso, o estudo da representação do homem é relevante, pois a partir desta perspectiva entende-se como a sociedade é formada, compreende-se também a visão da mulher escritora sobre o homem e de que forma se estabelece a relação de gênero ao final de uma época marcada pela ideia de que o homem era o detentor do poder intelectual, sob o argumento afirmativo de que homens e mulheres tinham diferentes competências e papéis sociais que se complementavam, o que sempre reforçou as diferenças entre os sexos.

Por isso, esta pesquisa realiza também o reconhecimento ao trabalho da escritora Júlia Lopes de Almeida, em vista de seu esquecimento pelo cânone literário brasileiro. Por não ser mencionada na historiografia das escolas literárias, com isso, busca-se o resgate desta autora, que possui tanta relevância quanto qualquer autor de sua época. Nosso esforço soma-se ao trabalho revisionista realizado pelo GT Mulher e Literatura, da ANPOLL, e a atualização e publicação de algumas de suas narrativas pela Editora Mulheres.

Destacamos a perspectiva feminista na literatura a partir das linguagens encontradas nas obras, como por exemplo. Segundo Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin:

O crescimento de estudos ligados a essas linhas de pesquisa, desenvolvidas por pesquisadoras(es) de todo o país, atestado pelas constantes publicações de antologias, ensaios, coletâneas de estudos críticos, anais de congressos etc., permite falar, neste início de século,

na crítica literária feminista no Brasil como algo consolidado. (BONNICI; ZOLIN, 2009, p. 240)

Percebe-se através do enunciado acima que já existem pesquisas neste âmbito no Brasil, no entanto ainda estamos no começo, pois é inegável que mesmo que essas pesquisas já estejam sendo estudadas no âmbito da academia, é preciso também que estas obras cheguem à sala de aula, para que saibam que a luta pela igualdade começou há muito tempo, e isso também ajudará a dar o merecido valor a estas autoras.

Logo, tornou-se interessante entender como a escrita feminina representa o homem e como este é usado na obra *A intrusa* de Júlia Lopes de Almeida, uma escritora de grande relevância em seu tempo, devido a sua vasta produção literária, mas que foi esquecida pelo cânone pelo simples fato de ser uma mulher. Assim, tentou-se compreender como a escritora Júlia Lopes de Almeida representa o homem na obra *A intrusa*. Uma reflexão sobre a sociedade do século XIX, com vista a interpretar as relações sociais homem/mulher por meio da obra citada e identificar as representações do masculino, tendo como categoria de análise o ponto de vista da autora, com ênfase no personagem Argemiro.

A metodologia empregada foi de caráter interpretativo e bibliográfico, tendo como ponto de partida a leitura da obra. As respostas foram encontradas a partir do referencial teórico e das consultas em livros, dissertações e teses, publicações eletrônicas e jornais.

Do referencial teórico, elegemos autores como Heleieth I. B. Saffioti, Sêga (2000) e Silva (2015), a primeira por mostrar como o patriarcalismo e as questões de gêneros influenciam no discurso, o segundo para mostrar como as representações sociais influenciam em uma determinada época e a terceira por mostrar a historiografia da escritora Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória fim secular dos dezenove.

O trabalho apresenta três capítulos, no primeiro foi realizado um levantamento sobre o final do século XIX, as questões que envolvem o gênero e o patriarcado, bem como a biografia da autora Júlia Lopes de Almeida. No segundo capítulo foram abordadas as condições de produção da obra que está inserida no romance de folhetim, suporte importante para a divulgação dos trabalhos literários nos jornais da época. No terceiro capítulo destacamos a representação social do gênero, analisando

de que maneira Júlia Lopes introduz no discurso autorizado masculino comportamento favorável ao trabalho e à instrução feminina.

CAPÍTULO I: O BRASIL E O FIM SECULAR DOS OITOCENTOS

1.1 BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA: CONTEXTO HISTÓRICO OITOCENTISTA

No ano de 1897, Júlia Lopes publica o romance *A intrusa*, período em que o Brasil passava por uma série de mudanças significativas para a sociedade da época. Segundo Neves e Heizer (1991), as novidades do tempo e o entusiasmo com o progresso se difundiam a partir da Europa Ocidental, em especial da Inglaterra e da França. Esses países eram responsáveis por ditar a cultura e forma como a população brasileira deveria se comportar.

O mundo estava repleto de novidades e novas invenções e a indústria estava crescendo, o que trazia de certa forma uma dualidade nas cidades, segundo Neves e Heizer (1991, p. 15):

Por um lado, a riqueza dos países industrializados criava, em seu interior, a pobreza de muitos homens e mulheres desempregados ou obrigados a aceitar um trabalho mal remunerado. Por outro, dependia desses países com suas colônias, ou com os países que forneciam matéria-prima para suas indústrias e mercados para seus produtos.

Nesse clima de entusiasmo os olhos do mundo se voltavam para o chamado *moderno*, ou seja, para ser moderno deve-se buscar ser parecido com a Inglaterra ou a França, que seriam o centro da civilização ou com os Estados Unidos, considerado o país mais promissor e jovem do mundo, onde o ritmo do progresso estava acelerado.

Então em 1889, o mundo acompanhava o progresso e se maravilhava com a torre que estava sendo construída, sendo assim a torre mais alta do mundo em comemoração ao centenário da Revolução Francesa, feita pelo francês Gustave Eiffel na França. Neves e Heizer (1991) afirmam que, contemplando aquele prodígio da técnica, era difícil perceber que “a luz do progresso e da civilização” também produzia sombras. Assim compreende-se que essa época se caracteriza por atribuir a esses países ditos *modernos*, a responsabilidade de civilizar o mundo inteiro.

No Brasil, não foi diferente, as novidades chegavam pouco a pouco, entrou em funcionamento a primeira usina hidrelétrica no país, a Marmelos – na cidade mineira de Juiz de Fora, a primeira linha telefônica chegou em 1881, o fonógrafo, que seria quase como um aparelho de som, todas essas coisas só poderiam ser adquiridas pela

camada rica da sociedade. Um tempo depois, em 1896, as salas de cinemas foram abertas. A cidade do Rio de Janeiro terá aproximadamente 12 carros e o grande sonho de voar se realiza com o brasileiro Santos Dumont que construiu o 14 *bis*, em 1906.

Como descrito por Neves e Heizer (1991), a forma do Brasil reduzia-se a imagem do Rio de Janeiro, e a imagem do Rio de Janeiro ao “desejo de Paris”, essas impressões eram descritas nas crônicas no jornal da época. Com isso, houve uma valorização da cultura europeia e um esquecimento da cultura local. A esse modo de vida denominou-se *Belle époque tropical*, baseada no espírito inovador, de beleza e paz entre os países.

A Belle Époque brasileira tinha como objetivo, além da remodelação do urbano, a normatização da conduta individual e coletiva buscando através da família regularizar essa sociedade.

O motivo que fazia com que os olhos do Brasil se voltassem para Paris era porque tudo que era novo, bonito e moderno chegava de Paris, enquanto o Brasil exportava seu café para Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha e França, os artigos industrializados eram comprados pelo Brasil nestes mesmos países, entretanto a moda em todos os lugares vinha de Paris.

Outra transformação importante que aconteceu nesse período foi a proclamação da república, como descrito por Neves e Heizer (1991, p. 20):

O positivismo, escola filosófica criada por Auguste Comte em Paris e que tentava explicar a história e a sociedade segundo as leis científicas e imutáveis, teve grande influência sobre a geração que proclamou a República. A divisa positivista, “O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”, acabou resumida e bordada na bandeira brasileira republicana: Ordem e Progresso.

A partir desta citação, percebe-se como a influência da França conseguiu mudar até o regime político da época, tendo assim até as ideias escritas na nossa bandeira. Essas mudanças chegaram até nas partes estruturais da cidade do Rio de Janeiro com as reformas de Pereira Passos, que tinham o intuito de transformar a cidade em uma nova Paris, o que levou à destruição dos cortiços para que houvesse a aberturas de ruas largas, fazendo com que essa margem pobre da população buscasse os morros da cidade, o que hoje nós conhecemos como as favelas:

(...) A dimensão higienizadora das propostas de modernização da cidade do Rio de Janeiro objetivou-se em medidas concretas na gestão do prefeito Pereira Passos (1902-06), levando à demolição dos primeiros cortiços. Embora fossem numericamente pouco

expressivos, os cortiços, construídos nos morros do Castelo e de Santo Antônio, ocupavam um espaço nobre da cidade. (PANDOLFI & GRZYNSZPAN, 2002, p. 241)

Sobre esse assunto, a escritora Júlia Lopes também se posicionou e se manteve contrária a derrubada de morros, a exemplo do morro de Santo Antônio, pois muitas dessas reformas prejudicavam o meio ambiente se tornando assim uma escritora de literatura engajada, nisso afirma Silva (2017, p. 130-131):

O posicionamento de Júlia Lopes era contrário aos interesses políticos e financeiros, que em nome da modernização da capital do país, agrediam o meio ambiente. A crônica — Crime premeditado — referia-se ao arrasamento do morro de Santo Antônio, que repercutiu no meio social e político a ponto de trazer no próprio jornal *O País*, datado do dia 13 de fevereiro de 1910 (domingo), a publicação de uma carta contestando, de forma respeitosa (...)

Percebe-se através dos argumentos acima que a autora compreendia que as mudanças poderiam não ser o que o Brasil precisasse no momento, outros autores também se posicionavam contra e expunham suas opiniões, segundo Neves e Heizer (1991, p. 23):

Euclides da Cunha, escritor de *Os sertões*, chega a dizer que a *civilização* é uma condenação, porque não leva em conta o Brasil real. Segundo Euclides, o que encontramos aqui é “uma civilização de empréstimo”, pura imitação do que é visto lá fora; é uma concepção de *progresso* que aumenta as diferenças entre os brasileiros e entre as várias regiões do país.

A partir disso, entende-se que o Brasil se esquecera de olhar para a sua realidade, tendo os olhos fixos nos países ditos *civilizados*, como retrata o autor acima, as mudanças só beneficiavam uma pequena parte da sociedade, a parte rica, enquanto os pobres que são a mão de obra trabalhadora da sociedade ficavam no esquecimento e sofreriam as maiores punições.

Outro tema polêmico que se destacou nesse cenário foi a questão do fim da escravidão, o Brasil queria crescer, esta era a nova política da época, ordem e progresso, fazendo com que esse assunto dividisse o país. Os fazendeiros mais ricos já não precisavam tanto assim dos escravos para crescer, pois suas fazendas já poderiam se manter com os lucros, esses apoiavam o fim da escravidão. Enquanto os chamados escravocratas eram contra essas ideias e achavam que o fim da

escravidão traria a ruína para o Brasil. Existia ainda uma terceira opinião quanto a este assunto que foram os emancipacionistas que defendiam a ideia de que o fim da escravidão deveria acontecer de forma gradual, esta terceira acabou vencendo e se instituiu assim essa política que ocasionou em uma série de mudanças, como por exemplo, a proibição do tráfico continental, em 1850, a Lei do Ventre Livre, em 1871, que liberta os escravos nascidos a partir de 1872, a Lei do Sexagenários de 1885, que libertava os com mais de 65 anos. Desta forma, se deu a liberdade aos mais novos e aos velhos que naturalmente não tinham como trabalhar e somente, em 1888 a princesa regente assinou a Lei Áurea.

1.2 GÊNERO E PATRIARCADO

O homem sempre obteve o poder na sociedade e isso se deve as concepções que estão por trás dos conceitos de gênero e patriarcado que permeiam a sociedade desde seus primórdios e que perdura até os dias de hoje.

Saffioti (2004, p. 53-54) explicita que:

O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar às mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato sexual. O pacto original é tanto um contrato sexual como social: é social no sentido de patriarcal - isto é, o contrato cria o bem sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de “lei do direito sexual masculino”. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno”

Nesta referência, percebemos como as mulheres estão subjugadas ao poder do homem em virtude do patriarcalismo, essa dominação instituída pelo homem é tão forte que o mesmo chega a ter poder sobre o próprio corpo da mulher. Este contrato original é cruel e pode ser visto na contemporaneidade das sociedades modernas,

visto que o autor diz que este contrato tem duas vertentes que seria a sexual e a social. Neste contexto, a mulher é oprimida e não tem poder sobre suas ações e suas decisões, ou seja, se a mulher não pode ter poder nem sobre o seu próprio corpo, ela também não poderá ter poder sobre o seu próprio discurso. Tornando-se sem fala e sem poder de expressão, a mulher é obrigada a achar outros meios para poder se manifestar, e isso é descrito na obra *A intrusa*, visto que a escritora não pode usar as suas próprias falas para discorrer sobre as questões da situação da mulher de sua época, a mesma usa de seus personagens masculinos para poder defender as mulheres de seu tempo que sofriam pela falta de direitos.

Segundo Heleieth I. B. Saffioti:

Apelar-se-á, no momento, para Hartmann (1979), definindo-se patriarcado como um pacto masculino para garantir a opressão das mulheres. As relações hierárquicas entre os homens, assim como a solidariedade entre eles existente, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres. (SAFFIOTI, 2004, p. 104)

Esta definição sobre patriarcado intensifica ainda mais como o controle está nas mãos dos homens e de como este poder acontece de forma hierárquica, garantindo assim a opressão imposta às mulheres. Desta forma, entende-se que os papéis sociais instituídos a homens e a mulheres são muito bem definidos.

Na obra *A intrusa*, a personagem Alice é contratada para trabalhar como governanta por Argemiro e isto causa um estranhamento por parte da sociedade da época, pois no tempo da obra as mulheres geralmente não tinham o costume de trabalhar fora de casa, além disso, Argemiro era viúvo e morava sozinho. Saffioti diz que:

Não há, pois, possibilidade de considerarem os interesses das duas categorias como apenas conflitantes. São com efeito contraditórias. Não basta ampliar o campo de atuação das mulheres. Em outras palavras, não basta que uma parte das mulheres ocupe posições econômicas, políticas, religiosas etc., tradicionalmente reservadas aos homens. Como já se afirmou, qualquer que seja a profundidade da *dominação-exploração* da categoria mulheres pela dos homens, a natureza do patriarcado continua a mesma. (SAFFIOTI, 2004, p. 107)

Com isso, a autora argumenta que não bastam as oportunidades que as mulheres têm de assumir funções atribuídas aos homens. O patriarcado sempre estará permeando a sociedade, e isso é normal de se visualizar quando a mesma

função realizada tanto por homens como por mulheres é remunerada de forma diferente, simplesmente pelo sexo dos trabalhadores. A mulher pode sofrer também preconceitos por trabalhar em profissões que são geralmente destinadas a homens. Ou sofrerem simplesmente por trabalharem, ao invés de ficar em casa, cuidando dos seus afazeres domésticos. De todo modo, a opressão acontece devido a essas questões que permeiam o patriarcado.

Assim, a questão do gênero é posta em voga, o termo gênero é mais amplo do que patriarcado, isso devido a sua grandiosidade de significações e de relações com outras palavras, como por exemplo, a ideologia. O primeiro estudioso a falar e a conceituar a palavra gênero foi Robert Stoller, porém Saffioti (2004, p. 107) expõe:

A rigor, embora não haja formulado o conceito de gênero, Simone de Beauvoir mostra que só lhe faltava a palavra, pois, em sua famosa frase – “Ninguém nasce mulher, mas se torna mulher” – estão os fundamentos do conceito de gênero. Lutando contra o essencialismo biológico – “A anatomia é o destino” -, enveredou pela ação da sociedade na transformação do bebê em mulher ou em homem. Foi, por conseguinte, a precursora do conceito de gênero (SAFFIOTI, 1999b).

Este termo é muito antigo e Simone de Beauvoir, mesmo sem ter dado um nome a esta teoria, questionava esse assunto em sua época, falando como a anatomia define os papéis que devem ser incorporados pelo homem e pela mulher. Por isso, que ela diz que “ninguém nasce mulher, mas se torna mulher”, isto porque a sociedade já delimita o que é tarefa da mulher e o que é o dever do homem.

Em linguagem informal, quando as pessoas conceituam a palavra gênero, a definem como sexo, ou seja, sexo feminino e masculino. Assim, Saffioti (2004, p. 110) explicita que pode-se adotar a expressão categorias de sexo para se fazerem as referências entre homens e mulheres como grupos diferentes, embora a gramática os distinga pelos gêneros masculino e feminino e apesar do gênero dizer respeito às imagens que a sociedade constrói destes mesmos masculino e feminino.

O gênero pode ser visto também de forma hierárquica, ou seja, como uma estrutura de poder, diante disso, Saffioti (2004, p. 116) sintetiza que gênero diz respeito às representações do masculino e do feminino, a imagens construídas pela sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando estas inter-relacionadas. Com isso a autora mostra que os gêneros são, na verdade, as representações do que se espera tanto do masculino como do feminino. Assim, entende-se que o gênero está

intrinsecamente ligado à sociedade e de que forma esta sociedade pensa nas questões do que é ser homem e do que é ser mulher.

Com essas concepções de gênero, compreende-se como o patriarcado funciona, pois, o patriarcado diz respeito à ordem de gênero, e esta ordem permeia todo o corpo social (SAFFIOTI, 2004, p. 122). Desta maneira estes dois termos tornam-se interligados entre si, de forma a ditarem as regras de funcionamento da sociedade; mostrando quem tem o poder de controlar e de quem tem o papel de submissão.

Nota-se através destas concepções de como o discurso do personagem Argemiro é construído no romance *A intrusa*. A mulher não possui voz, torna-se refém da opressão da sociedade com seus preceitos já formados sobre a mulher e de como esta deve portar-se no meio social.

Júlia Lopes de Almeida usa nesta obra o seu pensamento crítico sobre o modo de vida das mulheres já no fim do século XIX. Ela demonstra através do discurso de Argemiro, personagem masculino, sua revolta social na forma como as mulheres eram tratadas. Assim sabe-se que não se pode dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer situação, enfim não se pode falar qualquer coisa, desta forma, Foucault, em *A ordem do discurso* (2011, p. 9) explicita: “Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam.”

Desta maneira, nota-se que o discurso só pode ser proferido por uma fala autorizada, ou seja, não são todas as pessoas que podem falar de qualquer assunto; dependendo do tema tem-se alguém que pode ou não falar sobre ele.

Em *A intrusa*, Júlia Lopes usa do subterfúgio ao dotar personagem central, que será analisado neste trabalho, para fazer sua crítica social. Ela usa deste meio, pois sabe que como uma mulher e ainda mais escritora, não convém proferir pensamentos contrários às convenções de uma sociedade misógina, pois se a mesma o fizer poderia sofrer alguma desaprovação. Sabendo disso, a autora usa de seu personagem masculino para falar um discurso feminista.

Nota-se, assim, no romance *A intrusa*, que Argemiro preocupa-se com a educação da filha, ou seja, ele não acredita que o único fim da filha seja o casamento, único destino previsto para as mulheres:

A narrativa problematiza o funcionamento e a construção do sujeito enquanto função enunciativa que revela posições sociais e ideológicas. Argemiro é homem, rico, branco, culto, ou seja, é uma voz que não seria interdita. Ele fala sobre a educação da filha, ressalta neste caso inclusive a possibilidade do casamento não ser o caminho da felicidade da filha, como pensa a sua sogra. (SILVA, 2015, p. 32)

Com esse pensamento do personagem Argemiro, entende-se como o discurso dele é um discurso contrário ao discurso patriarcal e a ordem de gênero, visto que estes preceitos não dão direito à mulher ter outra oportunidade de vida. Pois nesta época da história, o maior destino da mulher seria o casamento. Argemiro vem com outro pensamento, que seria na verdade um discurso feminista, dando assim direitos a mulher de poder escolher o seu próprio destino.

1.3 VIDA E OBRA DA ESCRITORA JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

A escritora Júlia Lopes de Almeida nasceu em 24 de setembro de 1862, seu nome de nascimento é Julia Valentina Silveirinha Lopes, o sobrenome Almeida vem depois de seu casamento com o escritor Filinto de Almeida, imigrante português, posteriormente naturalizado brasileiro.

Júlia começa sua vasta obra com publicações em jornais, desde pequena seu pai já a incentivava a escrever, mesmo essa atividade sendo mais praticada pelos homens. Em 1881 sua primeira crônica, “Gemma Cuniberti”, é publicada na *Gazeta de Campinas*, em 7 de dezembro. Depois desta, surgiram outras crônicas, contos seguidos de inúmeros livros, sendo seu primeiro romance: *Memórias de Marta*, publicado em folhetim, no Jornal Tribuna Liberal (1888-1890) do Rio de Janeiro no período de 3 de dezembro de 1888 até o dia 18 de janeiro de 1889. Seguido deste, vieram mais nove romances: *A família Medeiros*, *A viúva Simões*, *A falência*, *Correio da roça*, *A Silveirinha*, *A casa verde*¹, *Cruel amor*, *Pássaro tonto* e *A intrusa*, sendo este último *corpus* do nosso TCC.

A autora conseguia conciliar a sua vida de dona de casa com a escrita, que era a sua grande paixão. Ela também viajou para alguns países, dando palestras e apresentando seus livros. Sua última viagem foi para a África, para visitar sua filha, chegando lá, sua filha adoeceu.

¹ Romance escrito em coautoria com seu esposo, poeta Filinto de Almeida.

Depois de uma semana do seu retorno da África, Júlia Lopes falece aos trinta dias do mês de março de 1934 no Rio de Janeiro vitimada pela malária e complicações renais linfáticas, um mês após a morte da autora é publicado *Pássaro Tonto*, seu último romance.

Nadilza M. de B. Moreira explicita:

Podemos dizer, pois, que a narrativa de D. Júlia joga com os valores culturais e sociais vigentes. Isto é, a condição feminina apresentada é clara, está presa ao estabelecimento, conserva o padrão; mas o discurso reservado, no fluxo do pensamento, as personagens refutam, questionam os papéis que lhes são destinados na sociedade brasileira. Havia uma consciência feminista latente que teimava em emergir, que sentia, mas não estava pronta para o voo, para o desafio do rompimento e claudicava entre o sentir e o agir, o ser e o parecer. (MOREIRA, 2003, p. 110)

A autora mostra com esse pensamento que Júlia Lopes de Almeida foi uma escritora que se manifestava de forma discreta. Esse fato fez com que ela conseguisse publicar uma vasta obra, pois ela não entrava em confronto com a sociedade da época. E isso, de certa forma, ajudou para que a autora conseguisse destaque e prestígio social em sua época.

CAPÍTULO II: A INTRUSA: ROMANCE FOLHETINESCO

2.1 ROMANCE DE FOLHETIM E SUA IMPORTÂNCIA NO JORNAL

O romance definiu-se como gênero intenso na literatura do Brasil, no terço inicial do século XIX, quando datam algumas produções românticas. Os jornais tiveram uma grande relevância para a literatura, e para outros vários gêneros também como, a crônica, contos, teatro, não sendo diferente dos folhetins diários. Ao primarem pela seção *Folhetim*, os jornais contribuíram, fortemente, para a divulgação de romances, servindo como suporte privilegiado de expansão e circulação de obras estrangeiras e nacionais.

Para Augusti (2010), embora existisse concepção de literatura como diversidade de gêneros, no Brasil esse gênero não foi reconhecido de primeira mão, tendo seu valor reconhecido como gênero menor e com fim moralizante, na imprensa o romance teve seu reconhecimento e afirmação como obra de arte, gênero por excelência, ao demonstrar a nacionalidade da literatura brasileira:

O discurso de sua consagração se construiu nas colunas bibliográficas e nas crônicas que, nos jornais, pretendiam dar conta da produção da prosa extraída de romances de José de Alencar, Araripe Júnior, Franklin Távora e Joaquim Manoel de Macedo (AUGUSTI, 2010, p.89).

O gênero romance sofreu pesadas críticas ao ser considerado inútil pelo discurso moralizante, que via na produção romanesca um instrumento de desvio de conduta para as leitoras, pois estas deveriam ocupar-se em adquirir conhecimentos mais úteis. Entretanto, antes da metade do século XIX, já se notava uma nova forma de ver o gênero. A ficção em partes no jornal passou a ser uma forma de atrair e segurar os indispensáveis assinantes. No Brasil, a novidade surge nas páginas do *Jornal do Comércio* ao lançar, pela primeira vez, um romance-folhetim traduzido do francês, em 1838, o romance *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas (MEYER, 2005).

Ao referir-se ao mundo editorial do final do século XIX, que passava por dificuldades econômicas, Hallewell (1985), escreve:

O único romancista brasileiro da época a conseguir algum êxito continuado foi Coelho Neto, ele fora publicado no Porto, pela Livraria Chardon de Lelo e Irmão, desde que Laemmert abandonou o ramo

livreiro, quase dez anos antes; de qualquer modo, ele tinha mais leitores em Portugal do que no Brasil. Com exceção dele e de pouquíssimos outros (Afrânio Peixoto, Júlia Lopes...), qualquer escritor brasileiro que quisesse ver na imprensa uma obra sua deveria encomendá-la diretamente aos impressores, por sua própria conta, e depois incumbir-se da distribuição. (HALLEWELL, 1985, p. 235).

Todos os escritores queriam ver seus trabalhos na imprensa, pois com o sucesso obtido a partir de suas publicações nos jornais ou revistas em formato de folhetim, a obra em livro era lançada pouco tempo depois, e era amplamente divulgada nos jornais. De acordo com Lajolo e Zilbermam (1988), a presença da literatura em jornais garantiu um público leitor no Brasil e serviu para a consolidação da literatura em nosso país. Para Júlia Lopes não foi diferente, que por ser uma escritora de prestígio juntamente com outros escritores e pela notória apreciação dos leitores, ela transitou, com extrema habilidade, no universo intelectual da época, o que a fez alcançar popularidade aos seus romances:

A grande popularidade alcançada pela obra de D. Júlia Lopes de Almeida, quando publicada em folhetins, e a animação com que as famílias esperavam pela entrega do jornal, momento em que todos se reuniam para escutar, quem sabe, o único leitor da casa fazer a leitura do próximo capítulo do folhetim, ou da crônica daquele dia (SHARPE, 2004. p.198)

O romance-folhetim tornou-se essencialmente um novo conceito de lançamento de ficção, independente do autor ou temática abordada. Desde o início do século dezenove, o *feuilleton* ou rodapé, tinha um lugar específico no jornal, geralmente na primeira página. O folhetim vai ser completado com a rubrica variedade, que é o canal por onde a ficção na forma de contos e novelas curtas se revela, originando no Brasil oitocentista a parceria entre a literatura e jornalismo, que andavam constantemente unidos:

Opereta, folhetim e romances chegam ao Brasil como um dos itens da última moda em Paris, e passa a ditar costumes e modos, uma vez que se desenhava a representação de uma sociedade rural francesa que aparecia como um paradigma de civilidade para a sociedade tropical e escravagista dos campos do Império. O gênero folhetim passaria a fazer parte da vida dos leitores brasileiros, já que obteve ampla aceitação por aqui e encontrou, nos precursores nacionais, colaboradores que passaram a escrever e a atender esta nova modalidade de publicação que tanto influenciou os costumes da época. (ALENCASTRO, 2010, p. 43)

O romance-folhetim teve uma consequência peculiar, a de multiplicar e difundir o gosto pela leitura em uma época em que poucos sabiam ler, mas nem por isso deixavam de apreciar os enredos folhetinescos. O grande público foi conquistado por um produto oriundo do romantismo europeu, o folhetim que era o melhor atrativo do jornal (SODRÉ, 1966, p. 279). Tal fato é apresentado por Marlyse Meyer em sua obra *Folhetim – uma história* (2005), na qual a mesma comenta:

Considerando-se o nível de analfabetismo no Brasil fica uma pergunta: até que ponto as classes populares podiam consumir os romances ditos populares que lhes eram destinados “naturalmente”? É verdade que, neste país formado pelos padrões da oralidade, onde, nos primórdios do folhetim, dominavam as famílias extensas e casas recheadas de serviçais e, mais tarde, as habitações populares coletivas, cortiços e vilas operárias, há de se levar em conta o efeito multiplicador de uma leitura coletiva durante os serões (MEYER, 2005, p.379).

Para Meyer (2005), o romance-folhetim é constituído em histórias de leituras fáceis de compreender e assimilar, divulgadas em forma de capítulos diários nos jornais, em espaços destinados à distração, e possuíam uma simplificação dos personagens e uma narrativa de conflitos básica do bem contra o mal.

Broca (1979) explica que o Brasil não podia escapar do caminho do romance-folhetim, pois este gênero se popularizou em quase todos os países no século XIX. Justiniano José da Rocha, renomado jornalista político, foi um dos que implantaram o gênero em terras brasileiras. Tendo estudado em Paris, percebera a grande aceitação do romance-folhetim na França e ao retornar ao Brasil, tratou de publicar nos jornais que aqui passou a dirigir. Fundou o periódico *O Atlante* (1836) e escreveu para *O Chronista* (1836).

Júlia Lopes de Almeida juntamente com grandes autores brasileiros do século XIX tiveram publicações de seus romances em folhetim. Inclusive alguns desses escritores entraram para o cânone, como Euclides da Cunha, Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo e José de Alencar.

Visto a grande importância do folhetim para o jornal, o romance *A intrusa*, no qual faz parte do *corpus* de análise desta pesquisa também teve seu grande triunfo no jornal, Segundo Silva (2015) apresenta:

Retomando as publicações dos romances de Júlia Lopes no *Jornal do Comércio*, chegamos a uma das mais comentadas obras da escritora

Júlia Lopes de Almeida, *A intrusa*. Essa obra trouxe ao público leitor certo alvoroço e discussões a respeito do desenlace. Os capítulos permaneceram, diariamente, entre os dias 18 de fevereiro e 22 de março de 1905, no rodapé do *Jornal do Comércio*. A obra traz uma temática de muita relevância para a escritora Júlia Lopes de Almeida: a instrução da mulher como um direito, elemento de libertação da ideia de incapacidade, bem como para a construção de sua cidadania. Seu discurso em favor da educação feminina vai se repetir nas crônicas escritas para os jornais e nos romances: *Memórias de Marta* (1889) e *Correio da roça* (1913). (SILVA, 2015, p. 75)

Conclui-se que o romance-folhetim agregou muito valor na carreira literária da autora Júlia Lopes, pois através de suas publicações no jornal, seus livros obtiveram notoriedade em sua época, e tiveram um grande público de leitores assíduos que elogiaram suas obras. Entre essas obras *A intrusa* se destacou, e foi considerada em sua época um *best-seller*, ou seja, uma das obras mais vendidas da época.

CAPÍTULO III: A REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO NO ROMANCE *A INTRUSA*

3.1 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Esta pesquisa tem como foco analisar a representação do masculino no romance *A intrusa*, surge então a necessidade de compreender o termo “representações”, elemento este que é construído em um dado momento sócio-histórico e cultural de uma determinada época. Sêga (2000) explicita que as representações sociais se apresentam como uma maneira de pensar e interpretar a realidade cotidiana, sendo uma forma de conhecimento da atividade mental, criadas por indivíduos ou grupos para estabelecer suas posições em relação a eventos, objetos e comunicações. Seguindo a linha de pensamento de Sêga (2003, p. 128) “A representação é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda na construção social da nossa realidade”.

Sêga (2003) ainda informa que representação é sempre uma atribuição das posições que as pessoas ocupam na sociedade e por isso toda representação social será sempre a representação de alguma coisa ou de alguém. No entanto, ela não é uma cópia da realidade ou do ideal, nem uma parte subjetiva do objeto, ela é um processo que estabelece relações entre o mundo e as coisas. Por sua vez, Jodelet (1995 *apud* Mary Jane P. Spink 1993) define representações sociais como modalidades orientadas para o contexto social, material e ideativo no qual vivemos. As representações são fenômenos sociais que mesmo acessadas de forma cognitiva, têm que ser entendidas a partir de seu contexto de produção.

3.2 SINOPSE DA OBRA *A INTRUSA*

A obra começa com um diálogo entre um grupo de homens jogando na casa de Argemiro, entre os presentes estavam padre Assunção, o deputado Armindo Teles e Adolfo Caldas, dileitante sem profissão definida. A conversa gira em torno do desejo de Argemiro querer ter sua filha mais próxima dele. O padre fica confuso, pois não sabe com quem Glória (filha de Argemiro) vai ficar quando ele precisar se ausentar. Então Argemiro diz que tinha colocado um anúncio no jornal solicitando uma governanta para cuidar da casa. Assunção fica preocupado pensando que essa

possível governanta pode acabar tendo um envolvimento amoroso com seu amigo, porém Argemiro diz que vai cuidar deste detalhe e que se possível nem verá a moça.

Alice é a única moça que aparece para fazer a entrevista, sendo a personagem principal, e *A intrusa* da trama, a moça chega até a casa de Argemiro que já está atrasado para um compromisso, o mesmo resolve atender a moça e ser rápido na conversa e nas explicações. Argemiro impõe uma condição um tanto absurda de que se Alice for contratada, ele não quer ter nem um contato visual com a governanta, a mulher concorda com as condições. O padre Assunção vai até a casa de Argemiro trazer notícias sobre sua filha Glória, o padre diz que a filha não está indo bem nos estudos e se comporta como uma selvagem, isto devido a mesma morar em uma fazenda. O pai fica preocupado com essas notícias e pede para o padre falar com Alice para a contratar imediatamente. Logo é apresentado o amor que ele sente pela mulher morta, motivo este de não poder ver Alice para que não haja nem uma chance de envolvimento entre os dois e para que os criados também não comentem.

Aparece na história o casal Pedrosa, o Pedrosa é amigo de Argemiro e a Pedrosa é uma mulher interesseira e ambiciosa que quer casar sua filha com Argemiro. Em seguida é mostrado uma visita de Argemiro e Caldas, até a chácara de sua sogra, a Baronesa. Argemiro conta para sua sogra que quer que sua filha vá a sua casa aos sábados para poder ficar mais tempo com sua filha, a sogra não gosta da ideia e também acha que a neta não precisa estudar, pois a mesma está predestinada a casar; já Argemiro preocupa-se com a educação da filha, querendo que a mesma aprenda a trabalhar caso não faça bom casamento. A sogra de Argemiro fica muito zangada com os comentários, e fica ainda mais aborrecida com a descoberta de uma nova governanta que é uma moça jovem dando margem a interpretações ruins sobre a moça.

Glória visita a casa do pai e é apresentada a Alice pela primeira vez, a menina já vem com um preconceito da governanta devido a mesma ter sido contratada por um anúncio de jornal, isso também acontece pela influência da avó que sente muito ciúme do genro. Argemiro já começa a ver as mudanças que acontecem em sua casa, com uma linda mesa de jantar e pede para o padre, seu melhor amigo, para conhecê-la melhor. Já nas primeiras conversas que o padre tem com a governanta, percebe-se que a moça é elegante e educada. O tempo passa e Glória aprende algumas

atividades de artesanato, nota-se assim sinais de aceitação por parte de Glória em relação a Alice.

A neta volta para a casa dos avós, sua avó faz perguntas sobre Alice, a menina responde que tudo aconteceu de forma boa e amigável, porém a baronesa não fica feliz com o gosto da neta pela governanta. O empregado Feliciano, que é um escravo que também não gosta de Alice, começa a acusar a moça de estar usando um broche que poderia pertencer a Maria, isso deixa a sogra muito zangada, mesmo não tendo certeza da verdade deste fato.

Em um domingo Argemiro está em casa, pensando em como a chegada de Alice trouxe outro brilho a sua casa. Logo em seguida, o padre Assunção chega a sua casa para almoçar, o mesmo diz que a sogra de Argemiro quer que ele despeça a nova empregada, então o padre fala também que o avô de Glória quer que ele dê a neta uma joia, para saber se o boato de Feliciano era mesmo verdadeiro, no entanto, o broche estava no cofre de Argemiro, comprovando a mentira de Feliciano, o padre alivia-se ao descobrir a verdade.

Alice começa a levar Glória a passeios e a ensinar a menina a ser uma pessoa mais humana, Assunção reconhece o bom caráter de Alice, pois a mesma age como se fosse uma professora para a menina, a Baronesa não gosta da aproximação da neta com “A intrusa” e já interpreta que Alice tem um caso com genro.

A Pedrosa não desiste de fazer com que sua filha se case com Argemiro, e tenta a todo custo fazer amizade com o padre Assunção, porém o padre sabe de toda a sua ambição. A Pedrosa se gaba de ter sido ela a protagonista de seu marido, pois se não fosse por ela, o marido não seria ninguém, a mesma faz uma visita até a casa de Argemiro e quem atende a porta é Alice, ela pensa que a governanta tem um romance com Argemiro e fica muito furiosa com esta descoberta, entretanto, não desiste de seu plano de casar a filha com Argemiro.

A Baronesa foi até uma cartomante para poder saber mais informações sobre os planos que ela supunha que Alice estava tramando contra ela. A cartomante falou que ela deveria esperar uma carta em sua casa, depois queimar para poder agir. Ela também interroga Feliciano sobre a moça, e também suspeita que Alice tem um namorado escondido, o escravo também diz que ela fica observando o patrão pelas paredes de casa, isso a deixa ainda mais aborrecida. Em seguida, o genro e seu amigo Caldas chegam até a casa da Baronesa para o aniversário de Glória, a menina

recebe um presente, que é quebrado pela sua avó, logo após a mesma saber que o presente foi dado por Alice.

Passou uns dias, Argemiro vai para uma festa na casa do Pedrosa, lá também está a mulher do Pedrosa que mais uma vez tenta aproximar sua filha dele, no entanto, Argemiro é acusado por Pedrosa de ter uma amante em casa, o mesmo fica muito ofendido com o comentário e diz que Alice é uma mulher séria e que os dois não tem nem um relacionamento amoroso. Isso acaba o tirando da festa.

Feliciano começa a seguir Alice para ver se descobre alguma informação suspeita da moça. Ele a segue até uma casinha simples, e fica decepcionado por não ser branco e nem por não ter conseguido saber nada sobre a intrusa. A baronesa fica a cada dia mais enciumada, tanto que ela resolve se mudar para casa de Argemiro, o marido tenta tirar isso de sua cabeça, entretanto, não consegue.

Argemiro a cada dia que passa admira mais Alice pela boa educação que Alice dá a sua filha, mas descobre que sua sogra quer morar junto com ele, essa notícia traz uma grande angústia, pois ele sabe que a sua sogra quer expulsar sua governanta de sua casa, então ele programa uma viagem para não ver a confusão que vai acontecer em sua casa e pede para o padre Assunção avisar a D. Alice sobre as novas mudanças.

A baronesa chega até a casa de Argemiro para conhecer a mulher que tanto lhe tirou o sono e sua chegada não é nada amigável. Em seguida é apresentado um resumo da história do padre e das lamurias de sua mãe que não queria que ele fosse padre, mas sim um pai de família. A mãe de Assunção, acha que houve algum acontecimento muito grave para que ele escolhesse o celibato ao invés de uma esposa e filhos, também é mostrado a grande afeição que o padre sente pela filha de Argemiro e pela sua esposa morta.

Passados alguns dias a sogra de Argemiro fica muito enfurecida e expulsa Alice da casa, no entanto, a mesma diz que só vai embora depois que seu patrão chegar para que ambos acertem as contas, Glória e seu avô ficam zangados com a atitude da baronesa. Argemiro chega de viagem, com a descoberta de que Alice só está lhe esperando chegar para poder se demitir. Argemiro fica muito triste com isso, e se arrepende de ter ido viajar; também é revelado por Argemiro que em toda a sua viagem ele só pensava em Alice e só conseguia ler um livro que pegou dela sem

querer, um livro de poemas em inglês que mostrava que realmente Alice era uma moça muito educada.

No final do romance é descoberto a verdade sobre a história de Alice, ela foi educada na França em uma das melhores escolas, no entanto, seu pai acabou morrendo sem poder sustentá-la, isso a leva de volta ao Brasil e ela fica morando na casa dos criados de seu pai que juntos trabalhavam para sustentar a casa, passados sete anos o velho ficou cego e a velha parálitica, então dona Alice teve que procurar um trabalho que remunerava melhor, daí veio o anúncio do jornal e por fim conseguiu um melhor salário. Após essas revelações, Argemiro acerta as contas com Alice e pergunta a moça se pode visitá-la, o final acaba com o casamento de Argemiro e Alice, e a revolta da sogra que chora sua filha morta sozinha, no entanto, o padre Assunção se revela, mostrando que ele também chorará a morte de Maria, pois o mesmo se tornou padre pelo amor que sentia por Maria, no entanto, a mesma se apaixonara por seu melhor amigo Argemiro, por isso, o mesmo nunca poderia ter alguma chance e isso fez com que o mesmo se tornasse padre.

3.3 “ARGEMIRO”: A VOZ AUTORIZADA

A narrativa da obra *A intrusa* é bastante peculiar, pois sua narração já começa com o diálogo dos personagens. Argemiro está em sua casa com a presença de seus amigos que vieram para jogar, o personagem é um viúvo e logo no primeiro capítulo do romance a autora já faz a sua descrição:

O Dr. Argemiro Cláudio de Menezes, descendente direto dos Igrésias de Meneses, nobres de Portugal, cujo solar brasonado existe ainda, bem que arruinado, naquele país, em terras limítrofes da Espanha, à beira de um rio espelhento e de pinheiros perdidos, - era um homem ainda moço, robusto, de carnes solidas e uns olhos negros, em que talvez a raça árabe transparecesse ainda, adoçada pelo cruzamento com a lusitana. A barba preta talhada rente ao rosto pálido, tinha um ou outro fio prateado, a atitude preguiçosa, em contradição à energia do tipo. Viúvo há sete anos de uma formosa senhora, cujo retrato aparecia em todos os cantos da casa, ele protestava não tornar a casar-se. (ALMEIDA, 1907, p. 23)

A autora mostra que este personagem é um homem importante e de uma linhagem bastante peculiar, pois o mesmo é filho de espanhóis e portugueses, uma figura de homem comum para a sociedade da época, já de início sabe-se que Argemiro é um viúvo e que o retrato de sua mulher está presente em toda a sua casa,

mostrando que o mesmo ainda não se esquecera de sua finada Maria. O mesmo gosta de ter a presença dos amigos em casa, isso devido a solidão que a vida de viúvo causa, algo que a autora também expõe é que o mesmo não quer tornar a casar e os motivos serão desvendados no decorrer da história. No entanto contrário a tudo isso Argemiro quer a presença de uma mulher em casa, o mesmo expõe: “Ah uma casa sem mulher, afirmava ele, é um túmulo com janelas: toda a vida está lá fora...” E lembrava-se que aquilo havia de ser para sempre! (ALMEIDA, 1907, p.1), com isso, o personagem afirma que mesmo não querendo se casar a presença de uma mulher em uma casa é realmente necessária, pois segundo ele, a mulher fornece vida à casa.

Com isso o personagem faz uma ação inusitada, o mesmo coloca um anúncio de jornal a procura de uma governanta para cuidar de sua residência o diálogo abaixo mostra a reação de seus convidados e de seu melhor amigo padre Assunção ao saberem da notícia:

- Vais te rir... Botei hoje um anúncio de jornal, pedindo uma moça para tratar da casa de um viúvo só.
- Estais doido! Não caia nessa asneira... Olha que chamas o perigo para casa.
- Não posso mais aturar o Feliciano; preciso de alguém que me ajude a suportá-lo. Mas a razão vocês sabem. Quero que minha filha não se crie completamente alheia à casa, preciso mesmo da sua companhia, ao menos uma vez por mês.
- E confiarás a nossa Maria a qualquer mulher desconhecida?!
- Glória não deixarás os avós senão por um dia... É uma consolação fugitiva, a que eu procuro. Estou velho... Caldas preveniu: -Olha que essas mulheres trazem anzóis na saias... Quando menos pensares... estás fígado... E tu que és bom peixe! É uma raça abominável, as das governantas... Verás amanhã que influencia de francesas velhas a tua porta! Feia ou bonita a mulher é sempre perigosa. (ALMEIDA, 1907, p.6-7)

Assim que Argemiro fala que irá contratar uma governanta, Assunção é o primeiro personagem a se preocupar com a situação, pois o mesmo pensa que Glória, filha de Argemiro, ficará a mercê de uma mulher desconhecida. Caldas, seu outro amigo, também previne o amigo do perigo que as mulheres trazem. O que isso mostra é que as mulheres que trabalhavam não eram bem vistas pela sociedade conservadora da época, outro fator que intensifica esse argumento é o fato de Argemiro ser viúvo e morar sozinho. Para aquela sociedade, as mulheres que se sujeitavam a trabalhar para um homem que morava só, poderia ser o interesse em Argemiro que é um homem de prestígio social e também possui posses. Percebe-se

assim que essa situação poderia causar sérios problemas que serão vistos no decorrer da análise desta obra.

Argemiro sabia que esta situação poderia ser mal interpretada pela sociedade, pois o mesmo quer escolher um tipo de governanta específico trazendo assim a transgressão de sua ação, neste diálogo em uma conversa com Assunção argumenta:

- Não tires de lá a nossa Glória. Está selvagem, mas está muito bem. Realmente, essas senhoras vindas por anúncio para tratarem da de um viúvo só devem trazer intenções muito esquisitas. Será preferível uma velha.

- Não! As velhas cheiram a galinha, desde que não sejam de fina sociedade. Uma, que meti por experiência em casa, encheu-me o jardim de patos e de perus, que ciscavam na grama. Quero uma mulher que tenha boa vista, bom olfato e bom gosto. São as qualidades que eu exijo, por essenciais, numa dona de casa. Quero uma moça educada. (ALMEIDA, 1907, p.7)

O padre novamente adverte o amigo de que se uma mulher se dispõe a trabalhar em uma casa onde mora um homem sozinho, a mesma só pode ter intenções ruins, e também aconselha o amigo a contratar uma mulher idosa, assim que Assunção fala isso, Argemiro responde ferozmente que não quer uma mulher velha, o que torna sua atitude ainda mais transgressora, pois o mesmo quer uma mulher jovem e educada para ajudar a consertar a sua filha que como já podemos observar na fala do amigo está se tornando uma selvagem por morar distante do pai.

Mesmo depois de todos os comentários que esta notícia causou, Argemiro segue com a ideia de contratar esta governanta, pois como pai está preocupado com a educação que a filha está levando morando com os avós maternos.

Então em um dia normal atarefado de trabalho aparece uma moça para a vaga do anúncio do jornal, como Argemiro está atrasado para um compromisso é curto e grosso em sua entrevista, fala que quer uma pessoa para trabalhar em sua casa para que cuide de sua filha em sua ausência e impõe uma condição um tanto estranha:

(...) - Esta: não vos vemos senão quando isso for absolutamente indispensável, ou melhor, não nos vemos nunca! A razão desta esquisitice, ou desta mania, não pode ser explicado por inteiro em poucas palavras; suponho, porém, que repousa só nisto: não querer eu que paire sobre quem deve velar por minha filha nem a sombra de uma suspeita! A minha casa é grande, tem dois pavimentos e eu passo o dia na cidade, só vindo jantar a noite. Na minha ausência toda a casa é e será sua; desde que entre a senhora saberá e poderá evitar-me. (ALMEIDA, 1907, p.9)

A condição para que a moça trabalhe na casa de Argemiro é de que a moça não o veja em hipótese alguma, pois o mesmo diz que não quer que haja nem uma sombra de suspeita, esta suspeita de que o personagem coloca é de que as pessoas possam desconfiar de algum envolvimento entre os dois. Pois o mesmo sabe que contratar uma mulher para trabalhar na casa de um homem que mora sozinho não era aceito pela sociedade da época.

Entretanto, Argemiro não presta muita atenção em Alice, e tem em um primeiro contato uma impressão debochada da moça, pois o mesmo diz:

- Com esta, coitadinha, parece-me que isso há de ser fácil. Confesso-te até que a sua fealdade me desconcertou. Eu desejaria uma governanta bonita, ou pelo menos graciosa. A beleza sugestiva e dá tudo que a rodeia um movimento de elegância. Imagina, se ela efetivamente for aleijada. Será escarnecida pelos criados e furtará toda a originalidade à nossa situação! (ALMEIDA, 1907, p.12)

A expectativa sobre Alice era uma das piores, a moça aos olhos de Argemiro é uma moça simples e sem elegância, isso mostra que como um homem qualquer Argemiro se mostra muito superficial em analisar de forma tão crítica a beleza da moça, julgando e chamando a mesma de feia e desajeitada tentando assim dizer que seria impossível haver alguma chance de envolvimento entre os dois, pois a mesma não se enquadra nos padrões de beleza da época.

Assim, com as notícias que o padre Assunção traz de sua filha Glória, Argemiro decide contratar Alice para o cargo de governanta de sua casa e pede para que o padre entre em contato com a moça para acertar os termos da contratação. Como o padre Assunção é muito próximo de Argemiro diz no excerto abaixo:

- Enfim... acho que fazes mal. Mas isso é contigo. Preferirias que te casasses, apesar...
 - Ah, isso nunca! Minha mulher, sabes bem, pediu-me que não me tornasse a casar; fez-me jurar... far-lhe-ei à vontade. Tanto mais que nenhuma mulher me interessa, a não ser...
 - Para essa espécie de amores que só tem um sabor – o da frivolidade. Eu não sou santo, mas sou fiel. Acredite ou não, a verdade é que não me deito sem beijar o retrato de Maria, desde o dia da sua morte pendente à minha cabeceira. Tendo a sensação de que a alma dela não sai desta casa que tanto amava; como que assim envolver-me todo... Lá fora sou um viúvo como outro qualquer, não me abstenho nem da corte à uma mulher de salão, nem do abraço à mulher do pecado; mas logo que entro em minha casa, parece-me sentir as mãos finas de Maria segurarem as minhas e as sua voz, que não esqueço, repetir-me aquela sua frase ciumenta e que era como que seu estribilho: “Ama-me, a mim só! a mim só! (ALMEIDA, 1907, p.13)

O padre como uma importante figura do clero argumenta que Argemiro poderia voltar a se casar, no entanto, é mostrado nesta citação o motivo pelo qual, Argemiro não se casa novamente, devido a uma promessa feita a sua esposa antes de morrer, sua esposa era muito ciumenta e o fez jurar que ele não deveria se casar, mas esta citação também mostra que era comum os homens se envolverem com prostitutas no qual o personagem chama de mulheres do pecado. Mas que, no entanto, era fiel à sua mulher no sentido de não se tornar a casar, o que mostra o sentimentalismo vivenciado pelo viúvo que mora só e está preso a uma promessa e a memória de sua falecida esposa.

Em meio a tudo isso, está a educação de Glória que causa grande preocupação a Argemiro que ver a filha sendo transformada em uma selvagem, devido a mesma morar afastada da cidade, sendo educada em casa pelo avô que não consegue impor limites a neta, no diálogo abaixo com Argemiro em conversas com seus sogros expõe esta preocupação:

- Ora, não digas isso! Ela lê... e escreve... e demonstra muito jeito para a música. Afinal, não se educa para doutora nem para professora. No meu tempo não se exigia tanto...

- Não é razão. A mulher hoje precisa ser instruída, solidamente instruída, mamãe, e eu quero, eu exijo que minha filha o seja.

- Está direito, mas sempre quero saber se o sacrifício do estudo tem compensações verdadeiras! Andar atrás de uma pobre criança o dia inteiro, fazendo-a conjugar verbos e compor e recompor orações gramaticais, atirando-lhe para dentro da cabeça nomes de terras e complicações matemáticas; curava-lhe a espinha em cima de mapas e linhas geométricas, cansar-lhe a vista antes do tempo, roubando-lhe a liberdade da saúde, alegria e ousadia, olhem que não me parece obra de amor nem de caridade! Eu, cá por mim, confesso: fujo da sala de estudo quando vejo meu marido chamar a minha neta para a lição...

- Eu imagino que ele há de ser muito ríspido... – comentou Caldas, sorrindo. Argemiro pegou nas da sogra e disse:

- Mamãe, talvez a senhora tenha razão; mas a verdade é que Glória já chegou a uma idade em que não deve ser tratada como um animalzinho amimado que é. Precisamos prepara-la para o futuro, que é sempre incerto. Imagine que um dia, que infelizmente há de vir, falem à nossa Glória os seus cuidados, os do avozinho e os meus... que será dela, se for uma ignorante, ela que é tão impulsiva e... tão geniosa; hein?

- Quando isso acontecer, para longe o agouro, sua filha estará casada!

- Estará ou não. E se for mal casada? Se o marido esbanjar toda a sua fortuna e a atirar depois as urtigas?

Os olhos da baronesa encheram-se de lágrimas; o velho pigarreou, advertindo o genro que avançara demais no caminho das hipóteses; mas a baronesa reagiu, sorrindo:

- Glória casará bem, com um homem que a ame e a respeite. Não faltava mais nada! Minha neta mal casada! Pobre... desprezada... precisando trabalhar para viver... que coisa horrível!
- O que é horrível, mamãe, não é trabalhar; é não saber trabalhar! (ALMEIDA, 1907, p.22-23)

Nestas falas percebe-se a preocupação que Argemiro tem em relações aos estudos da filha, ele não deseja que sua filha seja uma ignorante, e até descarta a possibilidade do casamento ser o único destino da filha, Silva (2015), em análise deste mesmo trecho afirma:

As imagens construídas pela sociedade em seu contexto histórico (primeiros anos do século XX) e ideológico (patriarcalismo) apresentam posturas em que a mulher é considerada frágil e meiga. A narrativa problematiza o funcionamento e a construção do sujeito enquanto função enunciativa que revela posições sociais e ideológicas. Argemiro é homem, rico, branco, culto, ou seja, é uma voz que não seria interditada. Ele fala sobre a educação da filha, ressalta neste caso inclusive a possibilidade do casamento não ser o caminho da felicidade da filha, como pensa a sua sogra. Vemos neste diálogo que quem reproduz o discurso oficial dominante é a mulher que, na obra citada, ocupa um lugar de antagonismo. (SILVA, 2015, p. 32)

Entende-se através do pensamento desta citação que a educação da mulher não era algo relevante para a sociedade patriarcal da época, intensificando ainda mais a questão de como o patriarcado ainda era muito forte, mesmo com todas as transformações que aquela sociedade estava passando na virada do século XIX para o século XX, a autora Júlia Lopes era muito preocupada com a educação da mulher, a escritora poderia ter colocado uma personagem feminina para falar deste tema, que para a autora é de total importância para que mulher conseguisse alcançar representatividade social, no entanto ela sabia que a fala masculina teria muito mais poder do que a fala feminina visto que a mulher não poderia ter o poder de expressar suas ideias. Contudo, a autora elege o personagem para expressar de forma mais leve e sem causar grandes discursões, e isso a ajudou de certa forma a publicar muitas obras, o que talvez não tivesse acontecido se a mesma expressasse sua opinião de forma mais agressiva, como era comum na Europa em que os movimentos feministas foram um tanto mais ousados.

Na citação abaixo é possível ver o valor e peso que Alice representa dentro da casa de seu patrão, de ser a “dona do lar”, ou seja, era necessário que existisse alguém para cumprir esse papel dentro de uma residência, e esse cargo era tarefa da

governanta, que só se diferenciava da mulher do padrão, devido aos dois não estarem casados. A defesa que Argemiro faz em relação a Alice causa uma raiva ainda maior na sua filha Gloria que diz não precisar da governanta, deixando Argemiro preocupado:

– Não digas mais. D. Alice não é uma criada; representa aqui a dona da casa.

– Tal qual como se fosse mamãe?

Feliciano olhou de esguelha para o patrão:

– “Tal qual, não: basta dizer que à d. Alice eu não a vejo nunca, e que estava sempre ao pé de tua mãe; mas para manter a ordem da casa e dirigi-la, é como se fosse”.

– Eu não preciso dela!...

– resmungou a menina, dirigindo-se para a sala.

– Ouviste? Eu não preciso dela! A prevenção da minha sogra imbuiu no espírito de minha filha uma antipatia medonha por esta pobre moça que tenho em casa e que ainda verdadeiramente nenhum de nós conhece! Ora, eu preciso de uma mulher em casa, exatamente para poder chamar minha filha a mim, e gozar, embora fortuitamente, a sua companhia; e vem-me a criança cheia de azedumes e ideias preconcebidas contra a única pessoa a quem posso confiá-la! Como há de ser? (ALMEIDA, 1907, p. 31-32)

Os pensamentos da menina vão mudando no decorrer do tempo, quando a mesma começa a passar mais tempo com a governanta, a mulher lhe ensina lições o que releva um pouco mais sobre a história dessa mulher que poucos conhecem, mas que, no entanto, já ganhou diversos falsos julgamentos a seu respeito. Alice é uma personagem que não apresenta voz na obra, a mesma é julgada por todos os personagens da história e isso vai acontecer em todos os pontos do livro.

Um personagem bastante peculiar que aparece na história é a senhora Pedrosa, esta mulher é uma espécie de homem vestido de saias, pois ela diz que é responsável por todo o sucesso de seu marido e a mesma quer casar a sua filha com Argemiro, pois ela achava que Argemiro seria um ótimo partido para sua filha, naquela época era muito comum o casamento por interesse, sendo na verdade uma pura relação de negócios, ou seja, o casamento da filha do Pedrosa com Argemiro, ajudaria ainda mais no futuro próspero da família. Argemiro na citação pensa:

Ah! A pobre Sinhá talvez não tivesse culpa; quem era odiosa era a mãe, que assim o vinha provocar no lugar do seu trabalho arrastando pelos degraus carunchosos daquela casa de homens, a sua filha solteira, apenas saída do colégio! Mas a verdade era que o olhar da pequena perturbava-o, mais pela sua expressão, que pela sua fixidez.

Obedeceria ela à sugestão da mãe, ou agiria a mãe em obediência a uma súplica da filha? “Argemiro, apesar de lisonjeado na sua vaidade de homem, começou a desejar a saída das duas senhoras; mas a Pedrosa não parecia apressada e entrou pela seara da política, como entrara pela do amor.” (ALMEIDA, 1907, p.37)

Nesta parte da história, a Pedrosa e sua filha visitam Argemiro em seu trabalho, a filha acabara de chegar do colégio com idade para casar, com isso, a Pedrosa quer estreitar laços entre sua filha e Argemiro, no entanto, Argemiro já sabe das intenções da mulher e já descarta essa possibilidade devido a promessa no qual fizera a sua finada mulher.

Na volta de Glória para a casa dos avós a mesma traz boas notícias sobre a Intrusa, que para a menina já se apresenta como uma boa amiga e nova professora que lhe ensina lições e a leva a bons passeios, no qual a mesma muda pouco a pouco seu comportamento selvagem dando lugar a uma menina mais tranquila e de bom coração, entretanto essa relação causa grande pesar a avó de Glória que pensa estar perdendo a neta para aquela intrusa, isso é expresso em várias situações como por exemplo na citação abaixo:

E os olhos encheram-se-lhe de pranto
 – Lágrimas, aí temos lágrimas! Mas, querida, repara que a nossa Glória não ofendeu em nada a memória da mãe e lembra-te também de que, se for verdade o que pensas, o Argemiro é rapaz, não pode guardar a castidade de uma menina... Que mais queres? Amou a nossa filha, fê-la feliz durante a vida e isso basta para lhe sermos muitíssimos gratos.
 – Que favor!
 – Se ela vivesse, estou certo de que ele lhe seria fiel... mas dela já não resta senão a memória. “Os homens são vários, não exijas deles virtudes que não podem ter... Almas imaculadas só as das mães.” (ALMEIDA, 1907, p. 43)

Neste diálogo em uma conversa com seu marido, a baronesa, chora em saber que sua neta está gostando da nova governanta, o marido tenta consola-la dizendo que Argemiro não é como as mulheres que tem o dever de guardar a castidade, afirmando ainda mais que homens não tinham a obrigação de se manterem castos, diferente das mulheres que precisavam se manter puras, não sendo assim, o casamento para a mulher seria mais difícil de se conseguir. Porém, a Baronesa não se sente satisfeita com esta percepção do marido e acha que Argemiro tem o dever de cumprir a promessa feita a filha morta, de não voltar a se casar novamente.

Enquanto isso, os feitos de Alice se mostram cada vez mais, mostrando a admiração por parte de seu patrão, que faz grandes elogios a moça em diversas partes da obra, a influência que ela tem sobre sua filha também o faz sentir mais interesse por essa moça, que se mostra muito compromissada com seu trabalho, Argemiro ressalta sobre a moça:

– Posso verificar já. Ontem à noite recebi uma caderneta com a nota das despesas do mês e... pasma, saldo a meu favor! Eu não dizia que o Feliciano era um abismo? Que diferença! basta olhar. Tu, que és mais observador, repara: está tudo luminoso, tudo límpido, tudo bem arranjadinho... hein? Há outra atmosfera nesta casa; estou melhor aqui do que em parte nenhuma, porque em tudo me parece haver o propósito de me ser agradável. Abre essa gaveta, e verás como está bem arranjadinha a minha roupa branca. Um primor! E o que me delicia é sentir a alma desta criatura, que aqui tenho debaixo do meu teto, sem que nunca os meus olhos a vejam nem de relance... Ela esconde-se, ao mesmo tempo em que se espalha pela casa toda. É a mulher-violeta, positivamente, não há outra comparação! Esta será estafada em literatura, mas na vida prática talvez nunca tivesse tão boa aplicação... A Glória, que é tão rebelde, já aprendeu com ela alguma coisa... Faz crochê! É uma coisa abominável, o crochê; mas, enfim, é uma prenda... Eu deveria ter tomado esta resolução há mais tempo...

– Talvez não tivesse vindo esta mulher... Outra seria assim?

– Não! Ontem, por exemplo, entrei em casa uma hora antes do costume; atravessava o jardim, quando senti acordes no piano; mas acordes bem harmônicos, vibrados por dedos disciplinados, conscientes. Ouvindo-me tocar a campainha, ela fugiu da sala; e quando eu entrei, um pouco curioso, confesso-te, encontrei o piano aberto, mas a sala deserta... Logo, esta mulher é uma mulher educada,; desenha, aí está esse lírio, que o prova; sabe música e escreve com firme caligrafia. Glória tem aqui uma excelente companheira e a minha casa uma alma inteligente, que lhe faltava desde a morte de Maria, que aliás não era tão prendada... Enfim, enquanto eu me visto, examina essa caderneta, acolá, naquela mesa... (ALMEIDA, 1907, p. 45)

Argemiro ressalta a honestidade da moça, diferente de Feliciano que antes o roubava nas contas de casa, fala também de sua filha que já estava começando a aprender com a mulher, as mudanças que estavam ocorrendo em sua casa demonstram, que mesmo sem perceber, e sem ver a governanta, sentimentos começam a surgir por esta mulher. E não era apenas Argemiro que estava apreciando as boas ações de Alice, o padre Assunção começa também a admirar a moça e isso é descrito abaixo:

Padre Assunção ia calado, meditativo. Que espécie singular de mulher era aquela, que, com tão alto senso de moral, se sujeitava ao papel de governanta da casa de um viúvo só? Humilhada em sua posição, maltratada por aquela menina orgulhosa, ela ia chamando habilidosamente a sua simpatia para os pobres e os infelizes. Seria por despeito ou por outro motivo mais maternal e em que a sua personalidade ofendida não tomasse parte? Fosse qual fosse a razão, a verdade é que aquela simples visita a um instituto do seu bairro valera por todos os sermões com que ele procurara abrandar o coração altivo de Glória. O tato sutil daquela mulher começava a encantá-lo; mas vinha-lhe medo de sugerir ao amigo essa impressão. (ALMEIDA, 1907, p. 49-50)

Assunção relata em seus pensamentos a influência que Alice tem sobre Glória, e a forma com que ela ensina, em outra passagem o mesmo chama a mulher de professora. De certo modo, é como Alice se configura no decorrer da história, uma mulher que se preocupa em ensinar, e com uma técnica única, pois a mesma usa da prática, do visual e isso causa na menina uma diferença gigantesca. Mesmo com todos esses atributos, o padre ainda sente receio de relatar esses acontecimentos ao amigo, pois o mesmo teme que o amigo não cumpra a promessa de não se casar novamente, e também ele não confia totalmente na mulher, pois como era o pensamento da época “a mulher é sempre perigosa”, como era de costume que as mulheres se relacionassem apenas pelo interesse, como é visto na personagem Pedrosa, que quer a todo custo casar a filha com Argemiro, Assunção ainda não está bem certo de que as intenções de Alice sejam realmente honestas.

A sogra de Argemiro lembrava a todo custo da promessa que ele fizera a sua filha em seu leito de morte e teme a todo custo que ele esteja se envolvendo com a nova mulher que tomava conta do lar de sua finada filha, a mesma pensa:

Por seu lado, a baronesa temia vê-lo fugir para outras adorações, e não cessava de lhe lembrar a triste súplica da filha. Agora, porém, não se tratava de juramento; Argemiro não o violaria por amar Alice, dando-lhe um lugar deixado vazio a seu lado. Esta solução, que ela não previra, enchia-a de dor. Afinal ele não tinha outra esposa, mas tinha outra mulher!

Por mais que dissessem, a baronesa não acreditava que dois entes moços, vivendo sempre na mesma casa, não se vissem nunca; e desesperava-a a idéia de atirar Maria todas as semanas para aquele poço de hipocrisia e de imoralidade!” (ALMEIDA, 1907, p. 53)

A baronesa não acreditava que duas pessoas vivendo em uma mesma casa não se vissem nunca, isto para ela era um absurdo, e não apenas para a sogra de Argemiro que pensava assim, a Pedrosa em uma visita a casa de Argemiro se depara

com Alice ao atender a porta, a mesma pensa que os dois possuem um caso e esses boatos vão caindo nos ouvidos do povo. O próprio amigo de Argemiro o alerta dizendo:

- Não me faças repetir palavras: aviso-te de que já se sabe por aqui que tens uma *ménagère* moça, bonita... e que os conceitos são naturais. Quero dizer: maldosos.
- Ora!
- Ora! Mais nada?
- Então? Que lhe respondeste?
- Fiquei meio burro... disse-lhe que efetivamente tu tinhas uma *ménagère*, mas que a não conhecias! (ALMEIDA, 1907, p. 73)

Argemiro sabe que ao contratar uma mulher mais nova ia atrair os comentários do povo, no entanto, ele se sente ofendido por Alice que aos olhos das pessoas está se passando por uma suposta “amante”. Para complicar a situação, a sogra de Argemiro decide se mudar para a casa do genro. Assim, que a sogra vem para morar na casa do Argemiro, o mesmo decide que vai viajar, para não ver as brigas que com certeza vão acontecer, visto que a sogra odeia Alice, mesmo sem nunca a ter visto.

Portanto, observou-se através da análise que a escritora Júlia Lopes, usou de seu personagem masculino, que seria uma voz autorizada, para se posicionar a favor da mulher no que se refere a instrução e ao trabalho realizado pela mulher. Argemiro, defende Alice, sua governanta, e percebe que seu trabalho em sua residência, causa um estranhamento na sociedade, que não aceita o fato da mulher trabalhar. Outro fator importante é como o personagem se preocupa com a educação da filha, o mesmo acredita que a mulher deve sim ter uma boa educação e que o casamento não seria a única opção de Glória, esse posicionamento ressalta o pensamento da autora que defendia que a mulher deveria ter o direito a educação, e que esse é um grande passo para mulher conseguir prestígio e sua autonomia frente a uma sociedade machista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tratou sobre como a representação do masculino se deu na obra *A intrusa* de Júlia Lopes de Almeida, uma autora que viveu no final do século XIX, época marcada pela *belle époque*, período em que o Brasil queria seguir os passos da França, copiando assim todos os seus costumes, se transformando em uma Paris tropical. A mulher naquele tempo era oprimida, sendo sua única função social ser dona do lar, já o homem era a figura de poder reforçando ainda mais o patriarcalismo, no que tange sua função de ser o provedor do lar, ou seja, o que possui o dever de trabalhar.

Tendo em vista o principal objetivo do trabalho, que foi a representação do masculino sobre a perspectiva da autora, através do personagem Argemiro, Júlia Lopes utilizou como artifício o homem, para poder mostrar o pensamento feminista defendido por ela, que se preocupava com a educação da mulher, educação esta que era privada da maioria das mulheres de sua época. Outro fator pertinente que é abordado foi o trabalho da mulher, como alternativa de vida, neste quesito, a autora mostra o preconceito da sociedade em relação a autonomia da mulher e também como o personagem Argemiro acreditava que o casamento não era a única alternativa de vida para a sua filha, reforçando ainda mais a relevância que a autora dava para este assunto.

Em vista disso, este estudo torna-se relevante para o reconhecimento e resgate histórico e cultural da escrita feminina oitocentista, que foi esquecida pela história, devido a escrita ser um campo direcionado especialmente a escritores masculinos, fazendo com que as mulheres não fizessem parte do cânone brasileiro, e isso aconteceu com a autora Júlia Lopes de Almeida, que fez muito sucesso em sua época, mas que após a sua morte, suas obras pararam de ser publicadas.

Logo, entende-se que este trabalho propiciou uma reflexão sobre a sociedade fim secular dos dezenove, e como os papéis sociais são impostos tanto para as mulheres como também para os homens, que possuem as suas funções sociais ditadas pelo patriarcalismo vigente. Assim, a autora conseguiu expressar sua opinião sobre a instrução e o trabalho da mulher, fazendo uso de seus personagens masculinos, discursos autorizados que não lhe causariam opressão visto que são falas que possuem prestígio social, pois o homem representa uma figura de poder, ou

seja, uma voz que não seria calada, diferente da voz feminina que era oprimida se a mesma fosse utilizada.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e ordem Privada no Império. In: NOVAIS, Fernando A. (org.). História da vida privada no Brasil: Império. São Paulo, Cia. das Letras, 2010.
- AUGUSTI, Valéria. Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3º ed. Universidade Estadual de Maringa, 2009.
- BROCA, Brito. A vida literária no Brasil 1900. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2004.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Tradução: Laura Fraga de Almeida. Edições Loyola, São Paulo: 2011.
- HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil: sua história. São Paulo. EDUSP. 1985.
- LAJOLO, Marisa. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1988.
- MEYER, Marlyse. Folhetim – uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. A condição feminina revisada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin, João Pessoa: UFPB, 2003.
- NEVES, Margarida de Souza, HEIZER, Alda, A ordem é o progresso: o Brasil de 1870 a 1910. 11º ed. Atual, São Paulo, 1991.
- PANDOLFI, Dulce; GRYNSZPAN, Mario. *Poder público e favelas: uma relação delicada*. In: Cidade: História e Desafios, Lúcia Lippi Oliveira, 2002.p.238 a 255.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).
- SÊGA, Rafael Augustus. *O Conceito de Representação Social nas Obras Denise Jodelete Serge Moscovici*. Porto Alegre, julho de 200. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>. Acesso em: 3 de fev. de 2017.
- SHARPE, Peggy. Introdução. In: ALMEIDA, Júlia Lopes. A viúva Simões. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.
- SILVA, Nahete. Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória de consagração em O País. 2015. 261p. Literatura e Cultura (Memória e Produção Cultural) – PPGL, João Pessoa. 2015.
- SODRÉ, Nelson Werneck, História da Imprensa no Brasil, São Paulo: Martins Fontes, 1966.

SPINK, M. J. P. *O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial*. Rio de Janeiro, jul/set, 1993. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/17.pdf>>. Acesso em: 3 de fev. de 2017.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

(1908) *A intrusa*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Livro, Biblioteca Nacional, 1994.